

Fascínio pela regeneração

Especialista em câncer do fígado, Nelson Fausto era conhecido pela capacidade de fazer amigos

Nelson Fausto, patologista da Escola de Medicina da Universidade de Washington, voava com frequência de Seattle para a capital norte-americana Washington, onde participava de encontros editoriais do *American Journal of Pathology*. Não raro, utilizava os serviços de um mesmo motorista de táxi. Depois de várias viagens, o taxista disse-lhe que queria ser cientista. Fausto conhecia Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, e conseguiu convencê-lo a encaminhar o motorista para começar uma carreira dentro da instituição. Após algum tempo, o taxista foi contratado pelo instituto, segundo relatou à *Pesquisa FAPESP* Ann De Lancey, viúva do cientista brasileiro. “Nelson tratava laureados com o Nobel e pessoas comuns com igual interesse e consideração”, diz ela.

Histórias como essa foram lembradas no dia 2 de abril, quando o pesquisador morreu aos 75 anos com um mieloma múltiplo, câncer que se desenvolve na medula óssea. Nelson Fausto nasceu em São Paulo e era irmão do historiador Boris e do filósofo Ruy, ambos da Universidade de São Paulo (USP). Formou-se em 1960 na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e dois anos depois realizou um treinamento no departamento de patologia da Escola de Medicina da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos. Tinha planos de acabar a especialização e se integrar à então recém-fundada Universidade de Brasília. O golpe militar de 1964 o levou a ficar em Wisconsin e a começar uma carreira bem-sucedida longe daqui. “Sem o golpe, o mais provável é que ele tivesse voltado para ensinar e pesquisar no Brasil”, diz Boris. O irmão caçula vinha todos os anos a São Paulo visitar a família e participar de bancas e comissões.



Nelson Fausto

Depois de Wisconsin, Fausto foi para Universidade Brown, em Providence, onde passou por cargos de liderança e gestão, até receber outro convite – desta vez para comandar o departamento de patologia da Escola de Medicina da Universidade de Washington, em Seattle. Sua especialidade era câncer de fígado, órgão pelo qual ele era fascinado dada sua capacidade de regeneração.

“Nelson foi um dos alunos mais brilhantes que trabalharam em meu laboratório na Faculdade de Medicina no final da década de 1950”, conta Michel Rabinovitch, ex-professor da FMUSP e atualmente professor colaborador da Universidade Federal de São Paulo. “Com Vinay Kumar e Abul Abbas, ele revisou o clássico texto de Robbins e Cotran, *Pathological basis of diseases* (2005), que foi livro de cabeceira para estudantes de medicina pelo mundo afora, incluindo o Brasil.”

Fausto foi editor-chefe do *American Journal of Pathology* por 10 anos. Publicou mais de 160 trabalhos originais, além de 30 artigos de revisão, com cerca de 16 mil citações. “Além da produção científica considerável, tinha uma capacidade enorme de amearhar amizades”, diz o bioquímico Walter Colli, do Instituto de Química da USP. Para Rabinovitch, a ausência de vaidade e de empáfia eram outras das características do pesquisador. Casado com a psiquiatra americana Ann De Lancey, sua segunda mulher, Fausto não teve filhos.

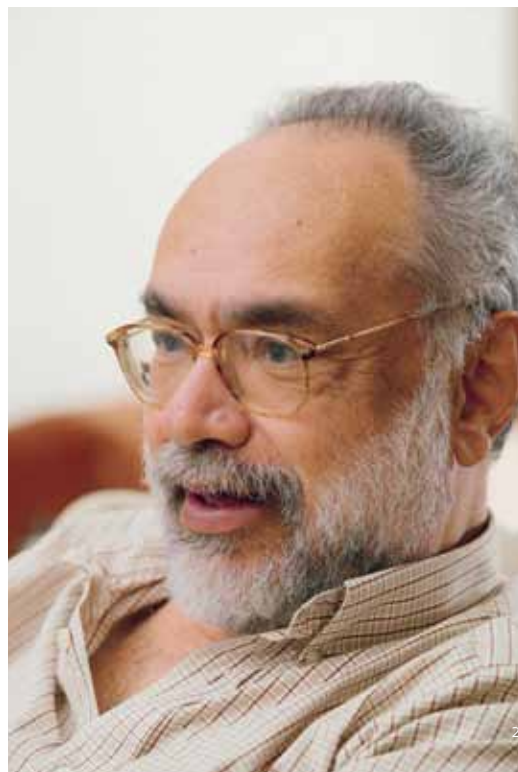
O quanto os jovens devem a Velho

Pesquisador carioca foi o pioneiro da antropologia urbana no país

Hoje temas como drogas e sexo são comuns em teses e pesquisas acadêmicas. Mas foi o pioneirismo do antropólogo Gilberto Velho (1945-2012) que permitiu aos jovens estudar a sociedade sem restrições. Foram necessários 113 artigos em periódicos e 28 livros, entre os quais *Desvio e divergência* (1985), *Individualismo e cultura* (1987), *A utopia urbana* (1989), *Nobres e anjos* (1998), *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras* (2010). Não foi um caminho fácil. Jovem professor, ele ouviu de um intelectual: “Para que estudar prostituta e homossexual? Antropólogo tem que estudar índio”. Gilberto Velho morreu dia 16 de abril no Rio de Janeiro, aos 66 anos.

“Eu tinha o desejo de ampliar, arejar. O meu pioneirismo foi estudar a nossa própria sociedade”, dizia Velho. Filho de um militar intelectual, apaixonou-se pela antropologia no Colégio Aplicação e se interessou pelas camadas médias brasileiras, ignoradas pelas pesquisas. Graduiu-se em ciências sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1968, e mudou-se para Copacabana, num conjugado de sala e quarto. “Foi uma obra do acaso, mas era do que eu precisava: consegui viabilizar um estudo de caso no meu prédio, com 500 pessoas. A utopia urbana, meu mestrado, de 1970, nasceu nesse conjugado.”

O mestrado foi concretizado na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Lá conheceu o antropólogo americano Anthony Leeds, um estudioso da antropologia urbana, então desconhecida no Brasil. Gilberto, então, teve a primazia de trazer esse ramo da antropologia para o país com análises da sociedade urbana em rápida modernização. “O que me interessou, então, era a disseminação das drogas nas



Gilberto Velho

camadas médias superiores, a ‘aristocracia de status médios’ e a pesquisa rendeu, em 1975, o doutorado *Nobres e anjos*, que depois saiu em livro, feito na Universidade de São Paulo.” A orientação foi de Ruth Cardoso.

Gilberto Velho focou sua atenção no “trânsito” social entre os brasileiros. “Estudei as relações entre níveis de cultura, entre elite e camadas populares, entre camadas médias e elites, enfim, a questão da mediação, a transição entre vários grupos e domínios. É um fenômeno que existe em toda sociedade, mas que na grande metrópole é uma questão prioritária, importante de ser estudada, em especial no Brasil”, afirmou em uma de suas entrevistas. Vivendo no Rio, estudou também os efeitos da insegurança retratados no livro *Mudança, crise e violência*.

O pesquisador estimulou uma geração de antropólogos a pensar o Brasil alternativo dos marginais, do sexo, das religiões populares e da transgressão. Seu diálogo com Georg Simmel inovou o pensamento sobre o individualismo. Ajudou na institucionalização das ciências sociais no Brasil e a consolidar o programa de pós-graduação do Museu Nacional. Era um pensador irrequieto que cultivava a reflexão crítica, a qual sentia estar ameaçada pelo conformismo. “O pensamento mais crítico e amplo, tem sido visto ultimamente como algo pernicioso que deve ser detido. Mas a reflexão crítica não acaba nunca”, afirmou numa de suas últimas entrevistas. Seu trabalho é a prova dessa luta. ■